



5006 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)  
GT14 - Sociologia da Educação

Capital cultural e trajetória acadêmica no campo da arquitetura  
José Angelo Muniz - UCP - Universidade Católica de Petrópolis  
Debora Breder Barreto - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO E UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PETRÓPOLIS

### CAPITAL CULTURAL E TRAJETÓRIA ACADÊMICA NO CAMPO DA ARQUITETURA

#### RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa em andamento – iniciada no primeiro semestre de 2018 – cujo objetivo é analisar a trajetória acadêmica de estudantes em um curso de arquitetura e urbanismo em uma universidade particular do interior do estado do Rio de Janeiro. Supõe-se que o desempenho acadêmico de estudantes oriundos de meios sociais distintos apresente disparidade em razão do capital cultural acumulado em suas trajetórias, conjectura esta que decorre de observação realizada, antes do início efetivo da pesquisa, em ambiente formador de técnicos em design de interiores (em nível pós-médio profissionalizante, em instituição privada de grande porte). A utilização de ferramental diverso para captação e análise de informações confere à pesquisa um cunho quanti-qualitativo. É preparado para a etapa exploratória ou desenvolvimento de um questionário, além da instauração de uma “descrição densa” (GEERTZ, 2017) e da aplicação da “escuta ativa” (BOURDIEU, 2008).

**Palavras Chave:** Capital cultural; Habitus; Trajetória acadêmica; Arquitetura.

#### AMBIENTE DE PARTIDA

Os episódios desencadeadores do interesse por esse estudo aconteceram em apresentações de trabalhos acadêmicos que, na instituição onde leciono, quase sempre ocorrem ao final de uma sequência de disciplinas correspondentes a uma das quatro etapas do curso. Funciona como uma banca de monografia, onde os examinadores avaliam as habilidades de comunicação e a desenvoltura no uso dos conhecimentos.

Primeiro episódio: Um grupo de estudantes divertia-se, como se contasse uma anedota, com o caso da colega de turma que, em uma apresentação de projeto, teria indicado como componente integrante dos equipamentos de um cômodo, de uma residência de luxo, um produto de baixo custo (como se, por exemplo, dissesse que o chuveiro é uma “Maxi ducha” (elétrica), que tem valor inferior a cinquenta reais, ao invés de especificar um chuveiro de teto “Deca Twin Spa”, comercializado por valores que ultrapassam os dez mil reais). Isso teria lhe rendido o apelido que a associava diretamente ao fabricante daquele item.

No desenho exposto, mostrando a planta baixa[1] de um apartamento – embora as linhas estivessem bem traçadas, a colorização bem executada e as notações técnicas aplicadas – faltava a representação gráfica de um componente hidráulico. Um estímulo perfeito para a banca examinadora interrogar a estudante, independente da razão que a tivesse impedido de representar o equipamento, qual teria sido o planejamento para aquele item.

Muitas razões poderiam ser apontadas como responsáveis pela ausência da peça: Poderia ter sido esquecimento, prazo insuficiente, pouco conhecimento sobre a necessidade de incluir o objeto, poderia até ter sido deliberadamente não desenhado por não ter conseguido decidir, dentre uma variedade de fabricantes, qual o modelo preferido, mas isso não importava. O que a banca estava disposta a constatar era a imperícia em reconhecer produtos de bom gosto para aplicação em ambientes planejados para clientes de alto padrão. Devemos atentar para o fato de que a conduta dos avaliadores teria sido semelhante independente do item, ou seja, poderiam ter indagado sobre os critérios utilizados para a escolha das cores da parede, do modelo do sofá ou do revestimento do piso.

Naquele contexto, o apelido dado à colega de classe parecia atribuir-lhe, simbolicamente, uma classificação equivalente àquela conferida ao produto. Em outras palavras, a inadequação do objeto em material plástico e de baixo custo instalado em uma residência de alto padrão, por analogia, corresponderia à pretensão da moça negra, de classe popular, constituir-se designer de interiores.

Segundo episódio: Em situação similar, em outra banca de apresentação de trabalhos, uma estudante, questionada sobre a ausência de linhas que indicassem os formatos[2] do piso, informou que estava utilizando para aquele projeto o “vermelhão” – aplicação de cimento com pigmento corante (neste caso o vermelho) muito utilizado como solução prática e barata pela população de baixa renda. Como o projeto destinava-se a um cliente fictício de alto padrão, a solução foi alvo de crítica e apontada como inadequada.

Devo confessar que a primeira interpretação sobre a utilização daquele recurso para o piso, para mim, configurou somente inexperiência. Pensava que o trabalho apresentado refletia a imperícia e a inabilidade em lidar com os materiais reconhecidos como de boa qualidade técnica e estética. Imaginava que ao longo do curso e com a aproximação dos saberes inerentes àquela área, em médio prazo, teríamos trabalhos com melhor desenvolvimento. E, sim, creio que de fato, frequentar um curso e familiarizar-se com o “como fazer” de cada atividade torne o aluno mais próximo do profissional que se espera que ele seja. No entanto, não problematizei a maneira como aquela escolha trazia em si reminiscências da vida progressa. Não conjecturei que a abordagem, para as possibilidades de acabamentos possíveis para um piso, passaria pelas experiências incorporadas pela pessoa ao longo de sua trajetória social. “O gosto, propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida” (BOURDIEU, 1983).

Dentre outras situações equivalentes, essas duas ocorrências estabeleceram o ponto de partida para a construção do seguinte problema: Que relações existem entre “capital cultural” e trajetórias acadêmicas de maior ou menor sucesso no campo da arquitetura?

## OBJETIVOS

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar em que medida o “capital cultural” é fundamental para a constituição de trajetórias acadêmicas de maior ou menor sucesso no campo da arquitetura. E como objetivos específicos, lista-se: (a) Realizar levantamentos que permitam perceber a origem social desses estudantes; (b) Verificar o rendimento escolar segundo os critérios de avaliação determinados pelo currículo, associando-os aos dados socioeconômicos desses agentes; (c) Examinar se entre os estudantes o capital cultural atua de forma perceptível como fator decisivo quanto à permanência ou à evasão, tendo como razão as dificuldades relacionadas ao desempenho em atividades acadêmicas.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A obra de Bourdieu destaca-se como referencial teórico, principalmente os conceitos de “habitus”, “campo” e “capital cultural”, sugerindo que a origem social dos alunos conduz a desigualdades escolares e, do mesmo modo, que as desigualdades escolares reproduzem o sistema objetivo de posições e de dominação.

O conceito de “habitus” é fundamental para compreender os episódios relatados:

O habitus são princípios geradores de práticas distintas e distintivas — o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferente sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem as diferenças entre o que é bom e mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro (BOURDIEU, 1996, p. 22).

Durante minha experiência docente tenho verificado que, no desenvolvimento de disciplinas que tratam das escolhas para a composição do ambiente, alguns estudantes trazem, para organização de seus espaços, elementos nitidamente dissonantes da estética vigente e considerada adequada pela maioria dos demais instrutores.

O equipamento de baixo custo e o piso vermelho não deveriam constar dentre os itens selecionados para a composição de um ambiente para clientes de classes socialmente privilegiadas, pois o potencial cliente de um designer de interiores, além das necessidades técnicas, traz a expectativa de que aquele profissional se encarregue de construir ambientes que contribuam para a sua distinção – ainda que esta não seja consciente. A maneira como se usa uma casa e a apresenta é percebida como um indicador de posição na hierarquia das classes sociais e, além disso, um dos princípios que podem orientar as diferenças observadas no domínio do consumo é o gosto pelo item de luxo em contraposição a necessidade expressa simplesmente na função que o objeto detém (BOURDIEU, 1993). A sofisticação de determinado objeto atesta a competência do profissional designer, por ocasião de sua sugestão, enquanto atribui ao proprietário o “bom gosto” dos estratos sociais mais altos no momento em que se efetiva a sua escolha: é uma questão de distinção. Assim,

(...) estando “adaptadas” a uma classe particular de condições de existência caracterizadas por determinado grau de distância da necessidade, as “regras de moral” e as “estéticas” de classe estão inseparavelmente situadas umas em relação às outras segundo o critério do grau de banalidade ou de distinção; além disso, todas as “escolhas” produzidas encontram-se, assim, automaticamente associadas a uma posição distinta, portanto, afetadas por um valor distintivo (BOURDIEU, 2007, pp. 230-231).

Por fim, no que se refere aos **fundamentos teóricos metodológicos**, tratarei de descrever o campo com as contribuições de Geertz (2017). Uma “descrição densa” conduzirá a um caminhar prudente, para que a minha interpretação pessoal pré-estabelecida não intente aprisionar o agente a um campo acadêmico/arquitetônico prescrito; Em seguida, passarei a estabelecer uma “escuta ativa” (BOURDIEU, 2008) com os agentes constituidores do grupo discente, buscando compreender – através de posturas, condutas, atitudes e comportamentos, além das verbalizações e dos silêncios –, elementos anunciadores de posições ocupadas naquele espaço social. Essa verificação, com a associação colaborativa dos dados quantitativos fornecidos por um questionário socioeconômico confeccionado especificamente e dirigido teoricamente para este fim, trará à superfície as informações que servirão de suporte para as análises. Por fim, utilizando o expediente de escuta ativa, dessa vez direcionada aos agentes integrantes do grupo docente, procurarei perceber as impressões a respeito do rendimento escolar e as relações que os resultados de avaliações mantêm com o capital cultural. Caminharei, também, no sentido de inferir componentes motivadores de permanência e evasão, pretendendo elucidar suas relações com facilidades/dificuldades inerentes à posição social.

## BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, pp. 46-81.

\_\_\_\_\_. Gosto de classe e estilo de vida. In: Ortiz, R. **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1993. pp. 82-121.

\_\_\_\_\_. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas: Papius, 1996.

\_\_\_\_\_. As lutas simbólicas. In: **A distinção: Crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007, pp. 229-239.

\_\_\_\_\_. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura, In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

[1] Planta baixa é o nome que se dá ao desenho de uma construção feito, em geral, a partir do corte horizontal à altura de 1,5m a partir da piso.

[2] É muito comum, em desenhos arquitetônicos, a utilização do traçado de linhas paralelas ortogonais (latitudinais e longitudinais) cruzadas, como recurso indicativo de áreas molhadas (cozinhas, banheiros e lavanderias). Esse quadriculado representa graficamente o formato das cerâmicas.